

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda do Vargas**

código  
**AIII- F23 - Val**

localização  
**Rodovia RJ-145 (acesso pela estrada de terra no bairro de Chacrinha, em Valença)**

município  
**Valença**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária de corte / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Rio Preto



Fazenda do Vargas, fachada principal

coordenador / data **Sonia Rachid - mai 2009**  
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

Seguindo pela rodovia RJ-145, no sentido de Valença - Barra do Piraí, partindo do bairro de Chacrinha, percorre-se aproximadamente 8,3 km, através de uma estrada de terra, até alcançar a sede da fazenda. Durante os meses de chuva há trechos deste trajeto que ficam com o trânsito bastante dificultado. Próximo à entrada da propriedade, avista-se o moinho com a grande roda d'água e o casarão ao longe, sobre um altivo patamar em murada de pedra (f01).

Depois da porteira de acesso à fazenda, a estrada se bifurca e, no sentido para o distrito de Conservatória, vê-se, à margem da estrada, próximo a Escola Municipal Antônio Lameira, a capela da fazenda, cujo orago, Nossa Senhora da Conceição, é a padroeira da localidade de Vargas.

A porteira rústica marca a entrada da fazenda e, passando a ponte sobre o rio das Cobras, observa-se o moinho com as canaletas de pedra junto de antigas edificações (f02). O casarão em ruínas à direita abrigava o antigo paiol (f03), que posteriormente serviu como moradia.

Do lado oposto à estrada que segue em direção ao curral, um barracão existente no local – que no início do século XX teve instalado o Laticínio Gioseffi & Cia. – é atualmente utilizado como garagem e depósito (f04).

Passadas estas construções, uma mureta em pedra e uma aleia de eucaliptos acompanham o caminho que leva a casa-sede (f05).



01



02



03



04



05

Uma densa mata emoldura a paisagem do entorno do casarão que tem, à frente, voltado para o alpendre de entrada, um verde descampado correspondente ao espaço dos antigos terreiros de secagem de café (f06). A casa-sede, posicionada sobre um platô, apresenta paredão de arrimo chanfrado em pedra, que acentua sua horizontalidade, contrastando com as esguias palmeiras ornamentais (f07).

Na chegada, o largo calçado por paralelos é protegido por guarda-corpo de ferro (f08), mantendo uma escada e um arrimo baixo em pedra, que se estendem para além da piscina (f09), delimitando o local das ruínas do antigo paiol, fronteiro à fachada lateral direita da casa-sede. Uma pinha de louça sobre a mureta de pedra na lateral de um pequeno portão de ferro fundido chama atenção para o local de acesso ao jardim frontal (f10) que abriga bela árvore nativa – angico branco –, com o gramado e uma fonte redonda, mais baixa (f11) emoldurando-a.



06



07



08



09



10



11

Uma escada em pedra lavrada leva ao alpendre e, na fachada lateral direita, o espaço do porão é marcado por arcos, definindo uma garagem que dá acesso para o interior da casa-sede. Junto ao largo calçado em pedras, um estreito caminho conduz para a entrada de serviço do pavimento superior (f12). O gramado se estende sob as frondosas árvores de flamboyant e mulungu, até a piscina e a edificação de serviços ao fundo (f13). Contornando a casa, há um jardim com canteiros em tijolo maciço, formato geométrico e fonte central (f14). O caminho para o pomar situado nos fundos da casa-sede é revestido de cacos de pedra São Tomé, com oferta de manga, jabuticaba, caqui, jambo, abacate, banana, pitanga e goiabas, mantendo um galinheiro e uma pocilga desativados no meio do arvoredo (f15).



12



13



14



15

A casa-sede mantém um pavimento sobre porão habitável determinado por um sólido embasamento, revelando a beleza de suas paredes externas em pedra insossa. A fachada principal, com correr de janelas sem ritmo regular, é interrompida pelo alpendre excêntrico, que tem acesso por escada de pedra (f16), telhado de três águas apoiado sobre pilares torneados em madeira e guarda-corpo em ferro.

O arcabouço autônomo de madeira forma uma gaiola estrutural com pilares, madres, frechais e barrotes de seção quadrada, sobre estrutura de pedra e tijolo maciço nas paredes do térreo, e com fechamento de pau-a-pique no pavimento superior.

A porta de acesso principal possui duas folhas cegas e canaleta central, abrindo-se para um vestíbulo que distribui, através de um pequeno *hall* à direita, para três quartos e um banheiro (f17 à f19).



16



17



18



19

À frente do vestíbulo, uma circulação em “L” chanfrado (f20) que o liga à sala de jantar e mantém uma porta com guarda-corpo entalado voltada para a escada interna (f21) que também pode ser acessada por um *hall* contíguo a ampla sala de visitas (f22) voltada à fachada principal.

A sala de jantar (f23) se comunica com os outros três quartos (f24) e com a varanda entalada protegida por guarda-corpo de ferro (f25).



20



21



22



23



24



25

Segue-se uma circulação de serviço (f26) que leva ao depósito/quarto de ferramentas e a escada de serviço para o porão (f27). A cozinha mantém despensa e pequena sacada para o jardim, com piso de madeira e guarda-corpo de ferro (f28 e f29).

A área de serviços forma um prolongamento em relação ao corpo principal dando à planta do casarão o formato de um “T” invertido (f30).

Registros iconográficos mostram que a casa-sede estendia sua construção até o bloco de serviços, local do grande forno da padaria da fazenda, que provavelmente abastecia também a população da colônia agrícola, constituída por mais de 100 casas dentro da propriedade.

Os vãos de verga reta, quando de janelas, são guarnecidos por esquadrias brancas de guilhotina em caixilhos de vidro no exterior, com batentes em amarelo, e duas folhas internas cegas pintadas de azul. As portas internas, com canaleta central, mantêm duas folhas cegas e batentes em amarelo.



26



27



28



29



30

Na sala de jantar as janelas de guilhotina geminadas estão sendo restauradas (f31) e o banheiro em ruínas, junto ao quarto, tem a única janela com folhas externas em veneziana. No *hall* e cozinha, há bâsculas caixote com caixilhos de vidro e, na parede de fundos, as janelas são apenas de guilhotina (f32).

O forro em saia-e-camisa, na cor branca com friso verde, prevalece na maioria dos cômodos, sendo substituído por cedrinho no alpendre, na sala de jantar, nos quartos vizinhos, no *hall* e varanda, sendo que no depósito, banheiro e cozinha, o cedrinho foi envernizado. O assoalho mantém o antigo tabuado de madeira, com o emprego do ladrilho cerâmico no banheiro, *hall*, depósito e cozinha.

A cobertura, de ponto alto, com telha cerâmica de capa e bica, tem várias águas, com interessante recorte para cobrir o chanfro da circulação quando esta foi criada no encontro de dois panos de paredes (f33). O beiral é arrematado com madeira na cor amarela, assim como os cunhais em massa.

O porão apresenta uma sólida estrutura, sendo dividido em compartimentos que atualmente estão em reforma. Sob o bloco de serviços há depósitos e lavanderia, além da escada de madeira que dá acesso ao *hall* da cozinha no pavimento superior. O salão com seteiras retangulares em bâsculas de caixilhos de vidro apresenta três portas que se abrem para uma varanda (f34) que se apóia em colunas de concreto, pedra e madeira (f35). Na fachada principal, o porão tem vãos com janelas de madeira em venezianas e os cômodos que para ali se voltam são reservados para quartos e banheiro.



31



32



33



34



35

A edificação avarandada próxima à piscina tem, em especial, um grande forno em tijolo maciço, com formato de abóbada, servindo as outras dependências como casa de colono (f36 e f37).

A capela de Nossa Senhora da Conceição, com 111 anos, possuía originalmente um campanário que complementava a fachada simples (f38). Sua nave apresenta pé direito elevado, contrastando com a sacristia ao lado. Na fachada principal a portada central apresenta cercadura em madeira com verga e sobreverga em arco abaido – tipo canga-de-boi – sendo guarnecida por esquadria de duas folhas almofadadas. Compõem a fachada, sobre a portada, duas pequenas janelas de verga reta com folhas de veneziana e, sobre estas, arrematando-a, um frontão triangular com tímpano ornado por cruz em massa. Nas laterais, básculas e óculos complementam a iluminação e a ventilação. As esquadrias e o beiral em madeira são pintados na cor azul. A cobertura de telha francesa é mantida em toda a construção.

No átrio, o vão do pé-direito é interrompido por duas colunas octogonais que vão até o teto, sustentando o coro (f39) e mantendo assoalho, forro, guarda-corpo e escada de acesso em madeira. O forro da nave, agamela-



36



37



38

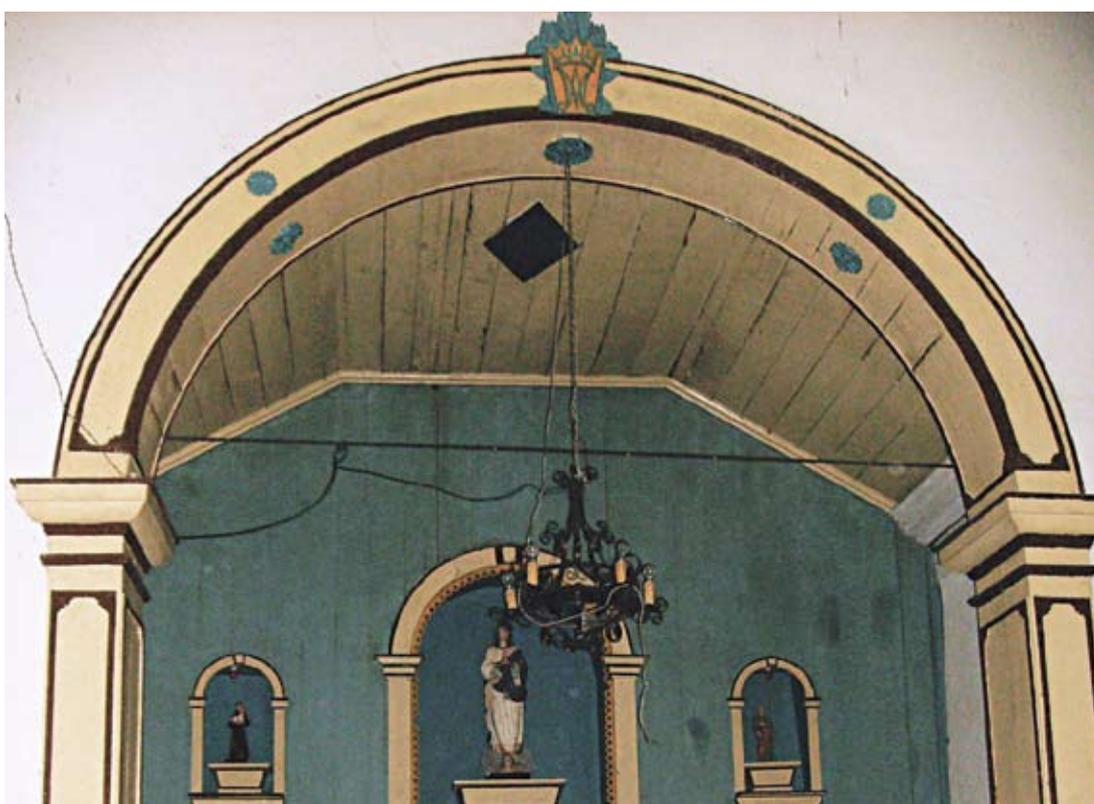


39

do, tem uma cimalha arrematando o conjunto (f40), e o espaço do altar, que recebe forro semelhante, porém, rebaixado, é separado desta por arco pleno com colunas de pedestal e cornijas ornamentadas, possuindo um retábulo simplório pintado na cor azul, com nichos em arco pleno para as imagens (f41). A pequena sacristia, com soleira em pedra, tem as portas da entrada e a interna com duas folhas cegas, piso em ladrilho cerâmico e forro de cedrinho, mantendo acesso para banheiro e depósito.



40



41

Devido ao longo período em que a fazenda ficou abandonada, evidencia-se o seu estado de degradação, com o desabamento de partes das paredes estruturais. Porém, o atual proprietário está empenhado na sua total recuperação.

Vale citar que a segunda janela da direita para a esquerda, na fachada principal, diferencia-se das outras pelo tamanho maior de seu vão. A reforma revelou, com a retirada do emboço, o fechamento original em pau a pique das suas fachadas – principal (f42), lateral esquerda (f43) e direita (f44) – colocando à mostra sua trama já comprometida. Observou-se que, em alguns quartos, numa circulação e em um dos banheiros, parte das paredes ruiu, sendo a causa principal e agravante, as péssimas condições da cobertura, que ao longo do tempo ocasionaram infiltrações descendentes.

Em que pese este fato, a maioria das esquadrias resistiu às intempéries, poucas apresentando a ação de cupins (f45), necessitando, entretanto, de pintura que proteja as peças em madeira. Um pouco estão sendo



42



43



44



45

substituídas (f46), assim como partes do beiral e dos cunhais. As paredes refeitas o foram em alvenaria de tijolo furado (f47) e o madeiramento do telhado foi todo refeito. Internamente, as paredes dos quartos, sala de visitas (f48) e jantar, ainda revelam as infiltrações descendentes, bem como sujidade e desmoronamento de partes de suas divisórias (f49). No quarto lateral contíguo à sala de



46



47



48



49

jantar foi erguida uma alvenaria em tijolos furados para a implantação de um banheiro (f50), cuja parede externa em pau a pique está ruindo, devido ao agravamento de vazamentos da instalação hidráulica (f51). Em vários cômodos o assoalho está sendo refeito (f52) e o forro com presença de mofo, apresenta comprometimento em algumas partes.

Na parede de fundos da sala de visitas, dois nichos com prateleiras eram, originalmente, vãos de portas dando acesso para o quarto lateral (f53).



50



51



52



53

No porão, podemos observar que os barrotes estão em bom estado de conservação, visando à reforma, neste caso específico, a troca do piso, do emboço e a pintura nas paredes com pulverulência, além da troca das esquadrias e revisão na instalação elétrica (f54).

A capela, sem conservação, possui infiltrações descendentes em várias paredes, chegando a comprometer a estrutura de adobe. O forro e o assoalho sofrem com a ação de insetos xilófagos e as esquadrias estão degradadas, grassando a sujeira em toda a edificação (f55 à f57).



54



55



56

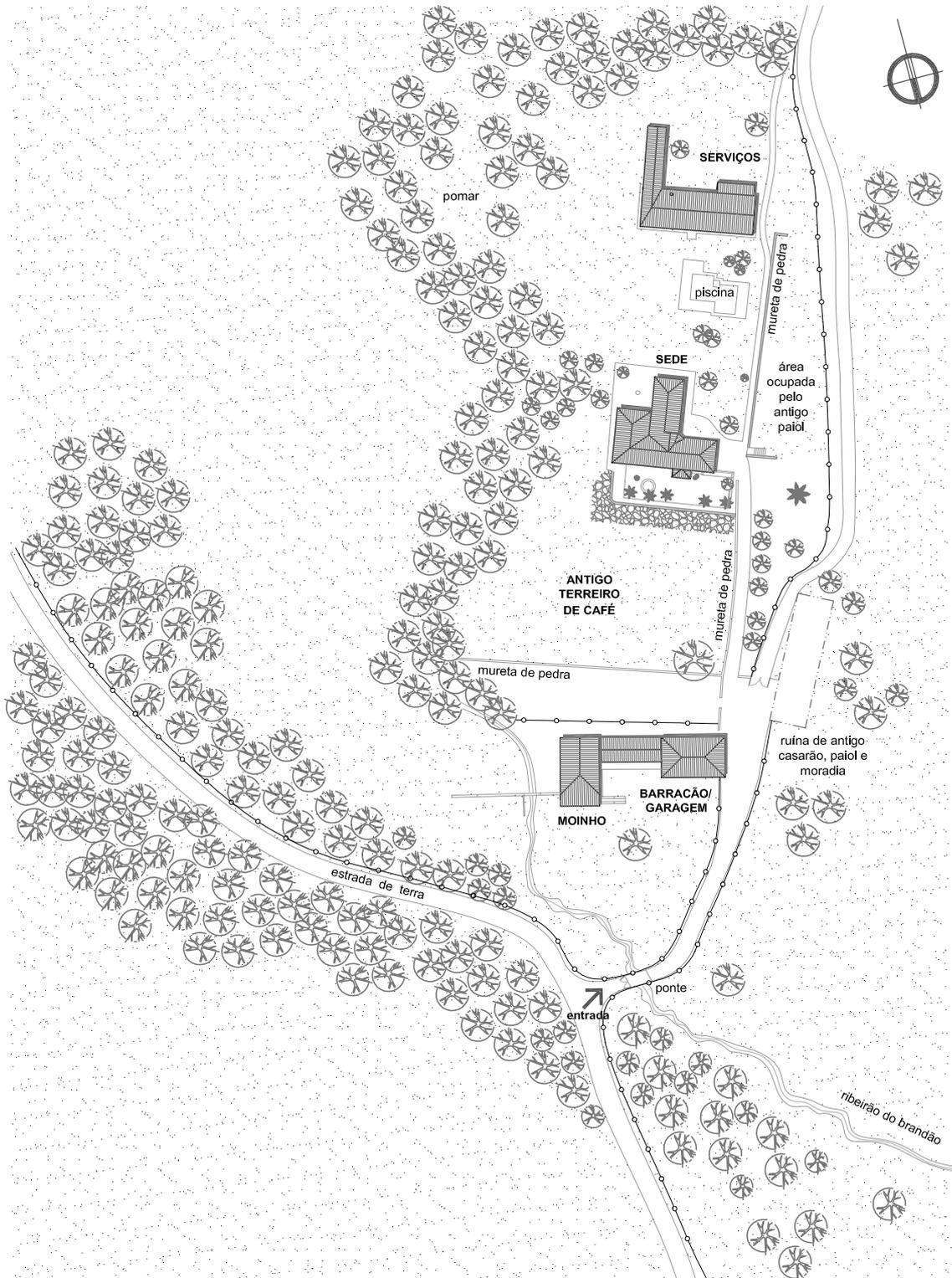


57

# FAZENDA DO VARGAS

Observações:

1. A construção que hoje abriga o barracão e a garagem era o antigo laticínio da fazenda.

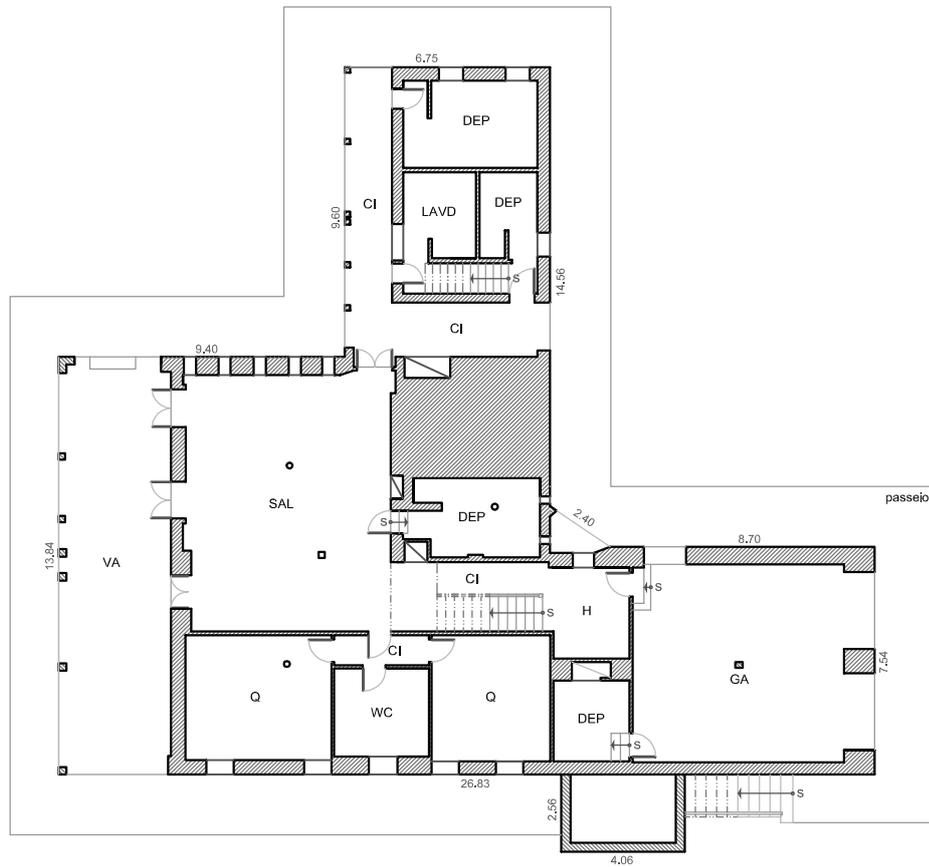


1

Implantação  
escala: 1/1750

0 5 10 40

**FAZENDA DO VARGAS**



1

Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/250



CI - circulação  
DEP - depósito

GA - garagem  
H - hall

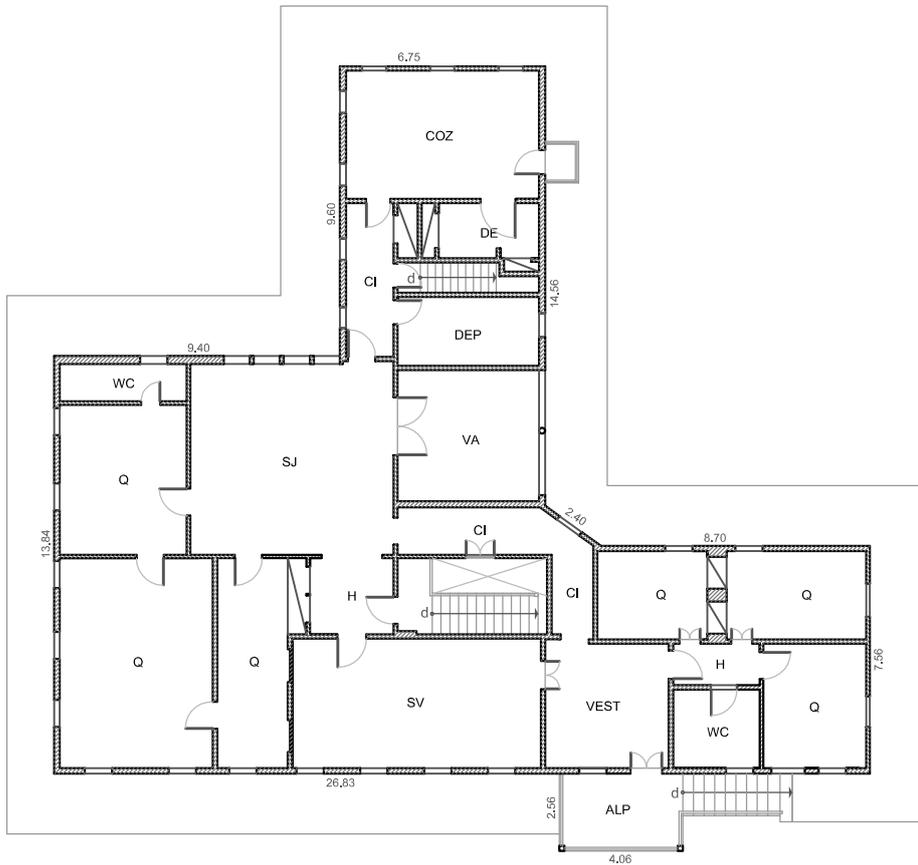
LAVD - lavanderia  
Q - quarto

SAL - salão  
VA - varanda

WC - banheiro

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

**FAZENDA DO VARGAS**



**1** Planta Baixa do 1º Pav - Sede  
escala: 1/250



ALP - alpendre	COZ - cozinha	DEP - depósito	Q - quarto	SV - sala de visita	VEST - vestíbulo	alvenaria existente
CI - circulação	DE - despensa	H - hall	SJ - sala de jantar	VA - varanda	WC - banheiro	alvenaria demolida

Luiz Gomes Ribeiro, de origem portuguesa, explorava garimpo em Serro Frio, em fins do século XVIII. Após o esgotamento das minas de ouro, mudou-se para Paty do Alferes, a fim de dedicar-se à lavoura da cana-de-açúcar. Na fazenda Pau Grande, onde em sociedade encontrava-se, aumentou sua riqueza. Construiu na mesma, em 1805, uma das maiores e mais belas casas rurais do Brasil Colonial – a sede da Fazenda Pau Grande. Nesta permaneceu até 1811, quando se mudou para a Fazenda do Guaribu, também nas proximidades de Paty do Alferes (MORAES). Na mesma época, recebeu da Coroa Portuguesa inúmeras sesmarias. Só no Vale do Rio Bonito e do Ribeirão das Cobras, em Valença, foram cinco. Todas requeridas em nome dos filhos. Entre estes, a filha Luiza Inácia, que na época contava com apenas 14 anos de idade, recebeu em 1817 a sesmaria que daria origem à Fazenda do Vargas, entre outras. Pelo que consta, nenhum dos filhos de Luiz Gomes, sesmeiros no vale do Rio Bonito, exploraram tais terras. Algumas sesmarias foram vendidas inteiras e outras fracionadas<sup>1</sup>. Na década de 1870, esta fazenda foi adquirida pelo Dr. Paulo Emílio Gioseffi, cidadão de origem italiana que se transferiu para Valença em meados do século XIX, onde se dedicou não só à lavoura de café, mas também à medicina, tornando-se um conceituado médico na cidade de Valença. Com esta família, a Fazenda do Vargas permaneceu durante décadas.



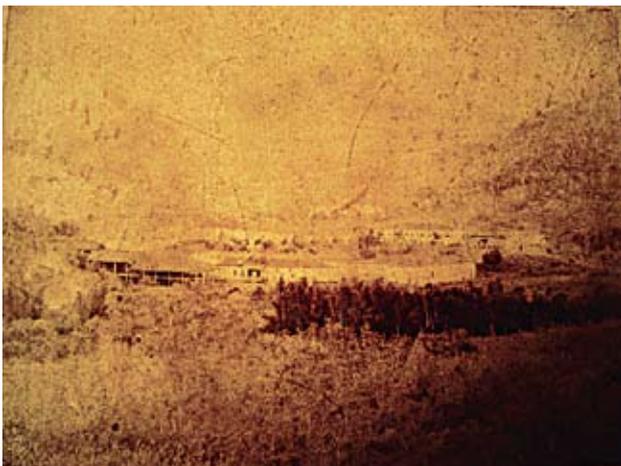
Planta Topográfica da Colônia Agrícola da Fazenda do Vargas – 1893, acervo Chirly Gioseffi Ávila

Dr. Gioseffi era casado com D. Prisciliana Guadagni Gioseffi, com quem teve os filhos Olga e Paulo Emílio. Por ocasião da morte de D. Prisciliana, ocorrida em 22 de março de 1892, foi aberto o inventário dos bens do casal. Neste inventário, consta o arrolamento de todos os bens móveis, imóveis, semoventes e de raiz existentes no ano de 1893 na Fazenda do Vargas. Rico em dados sobre a estrutura da fazenda, em fins do século XIX, este documento nos ajuda a elucidar a história<sup>2</sup>.

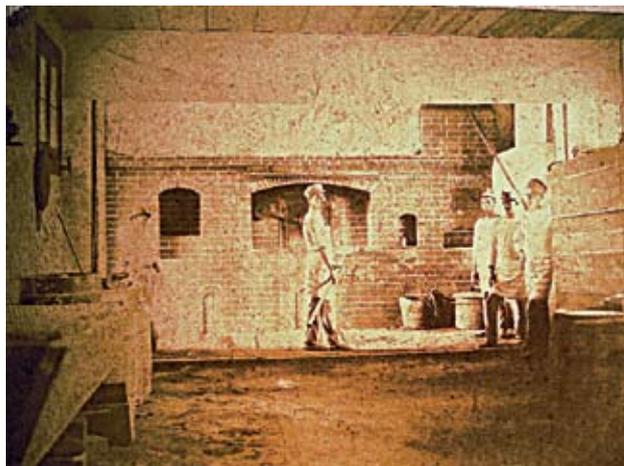
Entre os bens citados no referido inventário constam os seguintes: uma casa de vivenda; 11 lances de casas velhas, antigas senzalas; sete lances de casas em bom estado; uma casa para engenho de serra; uma casa com moinho, máquina para debulhar milho, ceva de mandioca, peneirar massa e etc.; uma casa para moinho; uma outra para alambique com três caldeiras, moenda para cana e quatro tanques para caldo; casa com engenho de café, maquinismo, ventilador e pilões com duas mãos; um despoldador de café e seus pertences e tanque para lavar café; dois terreiros de pedra para secar café; um paiol e uma tulha; dois depósitos subterrâneos para aguardente; uma casa para ceva de porcos com pertences para cozinhar e caixa para depósito de água com encanamentos.

As terras da fazenda estavam assim divididas: cinco alqueires geométricos de terra em mata virgem, cinco e meio alqueires em desmatamento recente; 58,5 alqueires, ocupados por cafezais, capoeiras finas e pastos. Eram cultivados na Fazenda do Vargas, 84.000 pés de café de diversas idades.

Subsidiado pela Fazenda do Vargas, havia também o sítio Boa Vista, com 18 alqueires geométricos de terras, benfeitorias e 4.000 pés de café. Em 1898, Dr. Gioseffi construiu em um outeiro, fora do quadrado da fazenda, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, cuja inauguração ocorreu em 13 de maio do referido ano. Nesta, ocasião foi criada na fazenda a “Colônia Agrícola” que empregava na lavoura centenas de trabalhadores de origem diversas, incluindo imigrantes italianos.



Fazenda do Vargas – s.a., s.d., acervo Chirly Gioseffi Ávila



Fazenda do Vargas – s.a., s.d., acervo Chirly Gioseffi Ávila

Por herança, a Fazenda do Vargas coube à filha Olga Gioseffi, casada com o alemão Gustav Albert, que, em princípios da década de 1950, a vendeu ao arquiteto carioca Carlos Leão<sup>3</sup>.

Carlos Leão permaneceu como proprietário da fazenda por cerca de 32 anos. No período em que foi proprietário, empreendeu uma grande reforma na sede e nas instalações da fazenda, que terminou por mudar grande parte de suas feições originais. Porém, manteve e valorizou a tipologia arquitetônica do conjunto, usando cores a paisagismo de acordo.

Carlos Leão nasceu no Rio de Janeiro, em 1906, e faleceu na mesma cidade, em 1983. Foi arquiteto, pintor e aquarelista, tendo se formado pela Escola Nacional de Belas-Artes, em 1931. Foi amigo e sócio no escritório de arquitetura de Lúcio Costa, com quem trabalhou durante anos. Trabalhou também com Gregori Warchavchik, famoso arquiteto ucraniano que construiu em São Paulo a *casa modernista*, uma das primeiras manifestações no Brasil do estilo moderno. Integrou o grupo de jovens arquitetos que projetou, em 1936, o Edifício Gustavo Capanema, sede do Ministério da Educação e da Saúde Pública, no Rio de Janeiro.

Segundo o arquiteto e amigo Jorge Czajkowski, Carlos Leão era um *“boêmio e artista por temperamento, culto, sensível, irreverente, adorado por seus amigos (que o apelidaram de Caloca) e pertenceu a uma geração de intelectuais cariocas que marcou o rumo da cultura nacional”*.

Carlos Leão era casado com Ruth Leão, irmã mais velha da esposa do poeta Vinícius de Moraes, que chegou a freqüentar a fazenda por diversas vezes<sup>4</sup>. Sobre a aquisição da Fazenda do Vargas, a filha de Vinícius, Suzana Moraes, diz o seguinte: *“Quando voltei dos Estados Unidos, eles já tinham comprado a fazenda. A fazenda se chamava Vargas. Discutia-se muito o nome – “vão achar que sou getulista” –, mas o nome nada tinha a ver com o presidente, já era conhecido na região e ficou Vargas mesmo. É perto de Marquês de Valença, estado do Rio, uns 100 alqueires num vale alto cercado de matas, Serra do Mar, para mim, Shangri-lá. Essa casa e os casarões antigos levaram anos sendo reformados, ocre, terra de siena, branco, azul, árvores velhas, o mato úmido verde-escuro ao fundo. As plantas, ele sabia os nomes em latim, às famílias, gostava de ensinar, não só sobre plantas, mas pintura e literatura mostrava, me dava coisas para ler”*.

Após a morte de Carlos Leão<sup>5</sup> a fazenda foi vendida e, na década de 1990, por problemas judiciais a fazenda foi incorporada aos bens da União. Em 13 de maio de 2004 a fazenda foi ocupada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que passaram a denominar a fazenda de “Ocupação Manuel Congo”. Depois de alguns anos aguardando a decisão de justiça sobre a posse legal da propriedade, em 2008, através de leilão público, foi a fazenda adquirida por Rafael Ferreira Mattos, tendo os ocupantes que deixar a propriedade. Atualmente a fazenda encontra-se em processo de recuperação de sua sede, bem como de suas instalações rurais.

<sup>3</sup>Sesmaria de Luiz Gomes Ribeiro. Caixa 149, nº 035. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro;

<sup>2</sup>Inventário de D. Prisciliana Guadagni Gioseffi, Ano 1893. Museu da Justiça do Rio de Janeiro;

<sup>3</sup>A arte do desenhista, pintor e aquarelista enriqueceu o trabalho de grandes artistas brasileiros, como Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade. Seus nus femininos constituem a parte mais considerável de sua obra, pela qual hoje é conhecido e apreciado. Sua arte exemplifica com muita propriedade a fase de captação do momento, do acidente, da fixação do gesto que se traduz pela rapidez do traço e das pinceladas. Carlos Leão iniciou seu trabalho de ilustrador em 1946, com o livro de Vinícius de Moraes, “Poemas, Sonetos e Baladas”. Até 1980 ilustrou, entre outros, “Boca de Luar” (1980) e “Amor, Amores”, de Carlos Drummond de Andrade, além do álbum “Homenagem a Manuel Bandeira - Cinquentenário do Poeta”.

<sup>4</sup>Conta a tradição que foi na Fazenda do Vargas que Vinícius de Moraes compôs a música “A Viagem”.

<sup>5</sup>[http://www.nacabeca.com.br/arte\\_e\\_cultura\\_evento\\_detalhes.aspx?ID=SP?2859](http://www.nacabeca.com.br/arte_e_cultura_evento_detalhes.aspx?ID=SP?2859), visitado em 02-04-2009.

<sup>6</sup>Segundo o depoimento de D. Chirly Gioseffi Ávila, sobrinha neta de Olga Gioseffi, quando do falecimento de Carlos Leão, o próprio pediu que seu corpo fosse cremado e suas cinzas jogadas nas terras da Fazenda Vargas. Fato consumado. Esta incumbência ficou a cargo de D. Marlene Gioseffi, que achou melhor enterrar as cinzas do ilustre arquiteto abaixo do piso da sacristia da capela da fazenda.